



Práticas culturais e equidade em saúde: diálogos na pandemia

Eloá Kátia Coelho: Saúde Coletiva – UFRGS; e-mail: eloakatiacoelho@gmail.com

Cláudia Rodrigues de Oliveira: Saúde Coletiva - UFRGS

Frederico Viana Machado: Saúde Coletiva – UFRGS

Acadêmica de Saúde Coletiva: Patrícia Airoidi Kolodsiejski

Introdução

O grupo de estudos Diálogos na Pandemia foi criado em março de 2020, após a interrupção das aulas, no contexto da pandemia do Covid-19.

O grupo se inicia com alunos de uma turma do Bacharelado em Saúde Coletiva da UFRGS, que sentem a necessidade de seguir estudando, se encontrando e, sobretudo, entender o que

estava acontecendo neste momento histórico tão desconcertante.

O grupo foi batizado de “Diálogos na Pandemia” e se configurou como um projeto de extensão da UFRGS, intitulado “Diálogos da pandemia: conceitos analíticos e outras linguagens” que promoveu discussões públicas relacionadas à

Covid-19 e funcionou entre março e agosto de 2020. O grupo era formado por um núcleo de aproximadamente 20 discentes e dois docentes, que frequentavam regularmente os encontros do grupo, e participantes ocasionais. Algumas atividades ultrapassaram o número de 50 participantes.

A maior parte dos integrantes era vinculada ao Bacharelado de Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), mas também participaram docentes e discentes de outros cursos e instituições, bem como trabalhadores e usuários do sistema de saúde. Os encontros ocorriam semanalmente, com carga horária máxima de 4 horas/aula, através da plataforma virtual Mconf/UFRGS. A definição do tema se dava de forma espontânea e por consenso entre os participantes, respeitando e valorizando a organização horizontalizada. Todos os temas se relacionaram, direta ou indiretamente, às questões de sofrimento e enfrentamento durante a pandemia de Covid-19. Temas relacionados à desigualdade social receberam grande atenção do grupo e foram centrais em grande parte dos encontros. Trabalhadores na saúde também ocuparam um lugar importante nos estudos do grupo, sobretudo na atenção básica e na vigilância em saúde.

O grupo é autônomo, mas ganhou suporte institucional de outros coletivos da Universidade, tal como o Programa de Educação Tutorial Participação e Controle Social em Saúde (PETPCSS/UFRGS) e o Laboratório de Políticas Públicas, Ações Coletivas e Saúde (LAPPACS/UFRGS), além de contar com o apoio do grupo de estudos SENEb. Além de terem membros que participam do grupo, estes parceiros contribuíram para a organização e divulgação das atividades. Importante ressaltar que todo o trabalho de organização das atividades, realização das palestras, relatoria e certificação foi feito de forma voluntária pelos membros do grupo, que não contaram com bolsas ou qualquer outro tipo de fomento.

Em publicação anterior (Burmeister, 2020), discutimos os aspectos gerais da organização do grupo, suas dinâmicas internas e os resultados gerais do projeto. Em outra publicação, analisamos nossas discussões sobre os impactos da Covid-19 na população negra brasileira (Oliveira, no prelo). Neste texto, discutiremos aprendizagens do grupo relacionadas à arte e cultura, com enfoque em um dos encontros do grupo, intitulado “Artes, Culturas e Saúde Coletiva: caminhos para a promoção da equidade e cenário Covid-19”. A escolha deste encontro se deve aos conhecimentos produzidos no encontro entre práticas culturais e a formação acadêmica, que consideramos uma experiência expressiva das possibilidades de articulação entre ensino e extensão. Essa atividade proporcionou vivências e aprendizagens significativas, mesmo no momento de distanciamento físico e isolamento das pessoas, adaptando princípios teórico-metodológicos de projetos já desenvolvidos pelo LAPPACS (MACHADO et al, 2019).

Aproximar a universidade dos cenários de intervenção, das políticas públicas e da sociedade como um todo, com vistas ao aprimoramento profissional e à educação cidadã, tem sido um dos principais desafios das reformas educacionais em curso. Cabe mencionar os esforços que têm sido feitos para efetivar a curricularização da extensão. Deste modo, ao trazer pessoas com trajetórias exemplares no campo da arte e da cultura, integrando com discussões sanitárias, nos remete à modernização da universidade e ao fortalecimento de sua função emancipadora (Santos, 2004).

Cultura e Saúde Coletiva: encontros de saberes e afetos

O encontro “Artes, Culturas e Saúde Coletiva: caminhos para a promoção da equidade e cenário Covid-19” ocorreu no dia 07 de agosto de 2020 e contou com a presença das convidadas Silvia Duarte, que é atriz e produtora cultural no município de Porto Alegre/RS

Com o distanciamento social, medida necessária de mitigação da propagação da Covid-19, a classe artística foi uma das primeiras a interromper suas atividades presenciais, o que causou impactos negativos para os trabalhadores do setor da arte e da cultura. As debatedoras destacaram que estes impactos foram ainda maiores para profissionais, artistas e produtores negros e negras. Silvia Duarte relata os ataques e violações de direitos na cultura e o desmonte de políticas públicas do setor ainda anteriores à pandemia, mas que com ela se intensificaram. Declara que as mobilizações da categoria, de profissionais da arte e de agentes de cultura, para pressionar os governos para a

No entanto, Sílvia ressaltou que as conquistas foram válidas, mas não suficientes. A iniquidade racial nas instituições públicas culturais, majoritariamente ocupadas pela branquitude, reflete na disparidade da distribuição de recursos por meio das políticas públicas, uma vez que estas não projetam as especificidades históricas, sociais e econômicas da população negra, onde a produção

Silvia Duarte destacou a Campanha Nacional em Defesa das Cotas e Ações Afirmativas na execução da Lei Aldir Blanc, ação mobilizada por movimentos e grupos negros praticantes e produtores de arte e cultura, que articulou fóruns por todos os estados do país pressionando

Este movimento, segundo Sílvia, estabelece uma rede de apoio para sobreviver e se reinventar em meio a pandemia que acentuou as estruturas de desigualdade onde o racismo se soma às demais iniquidades sociais e históricas, tendo a Covid-19



um efeito ainda mais negativo sobre a população negra. Silvia comenta que a saúde mental das pessoas negras está especialmente abalada e que os encontros promovidos pela arte tem sido uma das maneiras de resistir.

A produtora e atriz idealizou e atuou em trabalhos importantes para a cena do teatro e espetáculos musicais em Porto Alegre, como: o espetáculo "Estandarte do Samba", que homenageia e grandes compositores e compositoras do samba de Porto Alegre e do Brasil; o musical "As Vozes de Dandara", que traz as vozes de 7 cantoras negras do município de Porto Alegre e, mais recentemente, dirigiu ao lado de Thiago Pirajira o trabalho CURA - 1ª Mostra de Artes Cênicas Negras de Porto Alegre, lançada em dezembro de 2020, já no contexto da pandemia. Segundo o manifesto da mostra: "O CURA surge para o fortalecimento da dignidade negra nas disputas no setor da cultura e da arte e propõe o mapeamento de produções que são o antídoto contra a doença colonial, através da arte" (CURA, 2020).



Figura 2 - Thiago Pirajira e Silvia Duarte. CURA, entrevista com curadores. Thiago Lazeri 2020

Vera Lopes fala sobre os mecanismos de enfrentamento e de sobrevivência que a população negra vem desenvolvendo diante de uma sociedade estruturada pelo racismo. Estas iniciativas continuam no contexto da Covid-19 onde a arte é um dos instrumentos que dá forma a ações de emancipação e cuidado de/para/com

pessoas negras. A convidada inicia falando sobre o "Espaços de Humanidades Ossos 21", localizado em Salvador/BA, onde atua como coordenadora, um lugar de referência preparando jovens negros para ingresso no Instituto Federal da Bahia e Universidade Federais.

Jovens que passaram por esse espaço retornam como professores dando continuidade e vida ao projeto. O espaço é autônomo, tem 29 anos de atuação e foi idealizado pelo professor e compositor Juraci Tavares e pela professora Elizabeth Tavares. Com o passar dos anos, foi ganhando corpo, passando a ser também um espaço cultural, fomentando ações voltadas para o desenvolvimento humano por meio da educação, da arte e promoção da cultura e intelectualidade negra em Salvador. Destacam-se projetos como: Conversa com Intelectualidades Negras do Brasil, Conversa entre Juraci e Seus Parceiros na Música, falando sobre os caminhos da musicalidade negra e o CineClube Luiz Orlando, um projeto que teve sua estreia interrompida devido à pandemia.



Figura 3 - Vera Lopes à esquerda, Juraci Tavares ao centro e Elizabeth Tavares à direita.

Espaço Humanidades Ossos 21, 2019. Foto: Israel Fagundes

A onvidada apresenta referências importantes para a cena da arte e cultura negra, como o TEN - Teatro Experimental do Negro, idealizado na década de 40 pelo escritor, artista e ativista pan-africanista Abdias do Nascimento. O projeto também envolvia a educação, pois havia uma escola voltada para a alfabetização de mulheres negras que trabalhavam no serviço doméstico, assim cumprindo com uma função social e de promoção da equidade para além do teatro. O TEN influenciou diversos grupos de teatro no Brasil, dentre eles o Caixa-Preta (fundado em 2002).

O Caixa Preta é um grupo de teatro negro portoalegrense que propõe início de carreira para atrizes e atores negros, como Silvia Duarte, e trabalhos muito significativos para a cena, como o espetáculo "Hamlet Sincrético" (2005), sob a direção de Jessé de Oliveira, ex diretor da Casa de Cultura Mario Quintana, e que originou a publicação do livro "Hamlet Sincrético – Em busca de um teatro negro", organizado por Jessé e Vera Lopes (Oliveira e Lopes, 2019). Este livro foi lançado no 26º Porto Alegre em Cena - Festival Internacional de Artes Cênicas em 2019.

O primeiro trabalho do Caixa-Preta é "Transegum" (2003), um espetáculo dirigido pelo escritor e poeta Cuti. Vera conta que o escritor foi um dos precursores do Cadernos Negros, de 1978, e aponta a ligação entre os projetos, o que caracteriza uma rede de apoio e construção no cenário da arte e cultura negra no Brasil. O Cadernos Negros surge em São Paulo e publica ininterruptamente há 43 anos obras de escritores e escritoras negras dando visibilidade à trabalhos como os de Oliveira Silveira, Cristiane Sobral e Conceição Evaristo, que iniciou suas publicações através do projeto (Cadernos Negros, 2017).

Vera também nos lembra dos projetos Sopapo Poético e o Sopapinho, realizados em Porto Alegre, como territórios de promoção da cultura e da arte negra. Neste sentido, Vera

lembra-se da Organização de Mulheres Negras Maria Mulher, onde desenvolveu um trabalho na área da saúde, na Vila Cruzeiro em Porto Alegre. Junto às mulheres participantes, Vera usou, como ferramenta de promoção da saúde, a arte da dramatização para mapear as demandas de mulheres em vulnerabilidade social a fim de promover a compreensão da realidade circundante e estimular a busca pela implementação de políticas públicas para o cuidado integral em saúde voltado às mulheres da comunidade Vila Cruzeiro. Eloá Kátia Coelho, integrante do Diálogos na Pandemia e coautora deste artigo, comentou que, uma vez que os espaços de arte são territórios de promoção da saúde, na ausência destes, o que temos são territórios vulneráveis e que produzem iniquidade. A participante lembrou ainda que, no Brasil, os níveis de governos não promovem políticas voltadas para a possibilidade desses espaços acontecerem de forma antirracista.

Vera argumenta que, apesar da pandemia impedir a presença física, ela não interdita a população negra, pois a interdição já está posta pelo racismo. A população negra sempre precisou lutar contra às diferentes formas de interdição que são impostas criando-se estratégias que garantiram a sobrevivência e a emancipação. Vera ressalta que a branquitude precisa discutir e compreender o seu lugar na realidade racial brasileira e se colocar como parte do problema e atuante em ações e projetos antirracistas para o país.

Trazendo como referência o trabalho de mestrado da socióloga Vilma Reis, a convidada cita um dado atroz: a cada 23 minutos um jovem negro é assassinado no Brasil. Em seu trabalho, a socióloga traça um panorama no tempo: em 20 anos temos mais de 1 milhão de jovens negros assassinados (Reis, 2001). Vera questiona qual tipo de sociedade pode abrir mão de mais de 1 milhão de jovens, de vidas interrompidas? Essas perdas impactam toda a

sociedade e são projetadas para a comunidade negra trazendo experiências de sofrimento. Diante destes fatos, a atriz destaca que o racismo é crime previsto na Lei nº 7.716/1989 e a pessoa que sofre com o ato criminoso deve cobrar a execução do que é previsto em lei, e a pessoa ou instituição que o pratica sofrerá as sanções necessárias.

Considerações Finais

Nesta atividade, ao longo de quase três horas, os participantes discutiram artes, culturas e saúde coletiva, tendo como eixo a trajetória de duas grandes artistas. O encontro foi ambientado por momentos de poesia, com recitação da obra de Cristiane Sobral, Oliveira Silveira e Yzalú, como também de poemas de autoria das atrizes convidadas e dos participantes, o que expressa a dimensão afetiva, sensível e dialógica do encontro, ressaltando o aspecto gerador, crítico e transformador da arte. O tema do racismo e das desigualdades

formam o pano de fundo deste diálogo, sobre o qual a resistência e as produções de arte junto a práticas culturais da população negra produziram emancipação e transformação, que são temas centrais das discussões sobre educação popular em saúde.

Desse modo, o encontro entre práticas culturais e formação acadêmica, como circunstância de ensino e aprendizagem, constituiu um espaço de produção de conhecimento acerca das demandas evocadas sobre os temas do racismo e desigualdade como também sobre as possibilidades de resistência e intervenção por meio da arte e da cultura nos cenários de assimetria e vulnerabilidade, a exemplo da pandemia de Covid-19, abrindo caminhos para a promoção e equidade em saúde. ◀

Referências Bibliográficas

BURMEISTER, A.; MELLO, B.; LIMA, C.; OLIVEIRA, C.; COELHO, E.; OLIVEIRA, F.; KOLODSIEJSKI, P.; RODRIGUES, R.; MACHADO, F. Entre a saúde, as ciências sociais e a arte: diálogos na pandemia. **Revista Saúde em Redes**, v. 6, p. 7-14, 2020.

MACHADO, F., FERLA A., SANTOS, B., POSSA, L., PEDROSO, V., CARNEIRO, I. Avaliando o uso de metodologias ativas na formação em saúde: História das Instituições e Políticas Públicas de Saúde. **Saúde em Redes**, 5(3): 93-107, 2019.

OLIVEIRA, C.; BURMEISTER, A.; LIMA, C.; COELHO, E.; KOLODSIEJSKI, P.; MACHADO, F. Diálogos na Pandemia: discutindo os impactos da COVID-19 sobre a população negra brasileira. **Revista Saúde em Redes** (no prelo).

REIS, V. Atucados pelo Estado: as políticas de segurança pública implementadas nos bairros populares de Salvador e suas representações, 1991 - 2001. **Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais**. Universidade Federal da Bahia, 2001. Disponível em: https://bradonegro.com/content/arquivo/12122018_123921.pdf Acessado em maio de 2021.

SANTOS, BS. **A Universidade no século XXI**. São Paulo: Cortez Editora; 2004.

CURA, **I Mostra de Artes Cênicas Negras de Porto Alegre**. Mostracura.com.br. Publicado em 2020. Disponível em: <https://mostracura.com.br/>, Acessado em maio de 2021.

OLIVEIRA J.; LOPES V. **Hamlet Sincrético, em busca de um teatro negro**. Caixa-Preta, 2019.

PEREIRA, R. R. (Org.); PASSOS M.C (Org.) . **Identidade Diversidade - práticas culturais em pesquisa**. Petrópolis: DP et alii, 2009. <http://www.faperj.br/?id=1217.3.1>

PREMIAÇÃO ALDIR BLANC BAHIA. GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA SECRETARIA de CULTURA FUNDAÇÃO CULTURAL DO ESTADO DA BAHIA EDITAL de CHAMADA PÚBLICA No 04/2020 - **Prêmio de Exibição Audiovisual 2020**. Acessado em maio de 2021. http://www.cultura.ba.gov.br/arquivos/File/PABB/Premio_Exibicao_Audiovisual_2020.pdf

CADERNOS NEGROS – **Quilombhoje**. Quilombhoje.com.br. Publicação 2017. Acessado em maio de 2021. Disponível em: <https://www.quilombhoje.com.br/site/cadernos-negros/>